

PROBLEMAS PRÁTICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA QUALITATIVA*

*Dietmar K. Pfeiffer***

Na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, tanto o método como a prática convencionais da pesquisa social encontram-se, desde meados dos anos setenta, sob o fogo cruzado de uma crítica severa. Pontos de partida para a discussão foram: (I) o desgosto com a ciência estabelecida, com a pequena relevância da maior parte de seus resultados, apesar de um aparato metodológico cada vez mais requintado e dispendioso; (II) o insucesso do estrutural-funcionalismo dominante no prognóstico das mudanças sociais; (III) a crítica metodológica aos procedimentos de mensuração; (IV) e, finalmente, mas não em último lugar na ordem de importância, o desejo de uma proximidade maior à vida e de engajamento prático em prol dos grupos socialmente desfavorecidos.

Todavia, não se pode ocultar que, justamente na área pedagógica, para muitos estudantes e docentes a atração exercida pelas abordagens qualitativas se deu menos devido a motivos de ordem metodológica que à sua suposta simplicidade, à sua renúncia aos métodos matemático-estatísticos e ao seu pretenso potencial inovador de natureza político-social. Tais equívocos conduziram, na prática, à moda e à proliferação de projetos alternativos de pesquisa de um nível, com frequência, bastante baixo.

Depois que já se tranqüilizaram um pouco as grandes vagas das contendas da fase inicial, é possível verificar que, embora a orientação empírico-analítica continue a representar a "principal torrente" da pesquisa social, o "afluente" pós-convencional (pesquisa interpretativa, qualitativa e dialético-hermenêutica), incluindo sua ramificação voltada à política e dirigida à prática (pesquisa-ação e pesquisa participante), já não é mais apenas um regato. Não se confirmou o receio, nem a esperança iniciais de que se poderia tratar tão só do aparecimento de uma moda. Pelo contrário, a nova direção estabeleceu-se intelectual e institucionalmente e contribuiu para o enriquecimento e revitalização do cenário de pesquisas. Assim, pois, é chegado um momento apropriado para fazer balanço, esclarecer mal-entendidos, indicar aspectos problemáticos e com isto estabelecer, também, de forma mais precisa, a relação existente entre as abordagens qualitativa e quantitativa da pesquisa. Por razões de fácil entendimento, orienta-se o

* Tradução do Professor Marcio Chaves-Tannús, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

** Professor da Universidade de Münster - Alemanha.

presente trabalho pela situação própria às discussões na antiga Alemanha Ocidental. Os conteúdos destas, porém, não são nacionalmente limitados, eles surgem por toda parte, onde pesquisadores refletem sobre a metodologia e prática do processo de pesquisa¹.

II

Antes de mais nada, é necessário insistir que a caracterização global, costumeira das abordagens como "velha" e "nova", quantitativa e qualitativa, positivista e dialética, normativa e interpretativa, ou quantas etiquetas mais possam eventualmente existir, não poderá ocultar o fato de que estes conceitos misturam níveis teóricos, epistemológicos, metodológicos, práticos e relativos aos procedimentos técnicos, cujo recíproco ajustar-se não ocorre sem rupturas e brechas.

Assim, ao contrário do que muitas vezes supõe-se, o estrutural-funcionalismo, por exemplo, não é de nenhum modo passível de ser transladado e adaptado, sem suturas, a uma estratégia de pesquisas positivista. Vice-versa, não é de forma alguma incontestada a incompatibilidade supostamente existente entre a teoria do interacionismo simbólico, a que os representantes dos métodos qualitativos com prazer aludem, e o modelo dedutivo-nomológico do racionalismo crítico. Por fim, é simplesmente errônea a opinião de que existiria uma afinidade especial entre técnicas qualitativas de pesquisa e tradições teóricas dialético-marxistas. Mesmo a atribuição de precursores marxistas (enquête ouvrière) à pesquisa-ação, que se orienta pelo princípio do não distanciamento e da tomada de partido, é pelo menos ambivalente, pois o conceito e a estratégia de pesquisa remontam, como é sabido, a Kurt Lewin (1946), autor ligado à tradição instrumental do "social engineering" americano.

Falar de pesquisa social tradicional e nova é também enganoso na medida em que com isto insinua-se a impressão de uma seqüência temporal das diferentes estratégias de pesquisa. A impressão provocada por algumas discussões dos últimos anos foi a de que os representantes da pesquisa qualitativa procediam como se quisessem de novo inventar a roda. Um lance de olhos na história das Ciências Sociais mostra com nitidez que a crítica ao ideal positivista de conhecimento, de uma experiência dos fatos independente de sujeito e contexto, ao modelo hipotético-dedutivo de verificação, à representação quantificante (medição) dos fenômenos sociais acusa uma longa e ampla tradição no interior destas ciências. O antagonismo

¹ Assim, também este trabalho recebeu estímulos numerosos através de minha atividade prática de ensino e pesquisa e da discussão com os colegas no Brasil.

entre uma maneira objetivista e outra subjetivista de enxergar a realidade social, entre a "física social" e a "fenomenologia social" (Bourdieu 1980), entre "explicar" e "compreender" (Dilthey 1883), entre apropriação estatística e monográfica da realidade, entre procedimentos nomológicos e ideográficos, perpassa a discussão nas Ciências Humanas desde o século passado até hoje.

Contudo, um dos fatos de peso que nos mostra a controvérsia hoje conhecida como a disputa do positivismo (1973), entre representantes de modelos de conhecimento dialético-hermenêutico por um lado, analítico-nomológico por outro, é que a discussão consumou-se, o mais das vezes, em forma de debates metateóricos desligados dos problemas concretos, da prática da pesquisa. Os críticos do conceito de empiria ligada aos fatos abdicaram o desenvolvimento de um conceito próprio que poderia fornecer respostas ao "como" do dia-a-dia da pesquisa (Borges 1986). Deste modo, também, na disputa do positivismo, a teoria crítica foi rapidamente afastada para o lado como posição meramente teórica, filosófica mesmo, permanecendo, de imediato, sem conseqüências para a prática da pesquisa. Mesmo o trabalho de Habermas (1970) sobre a "Lógica das ciências sociais" persistiu no plano da metateoria. Acentuando, porém, o caráter comunicativo da pesquisa e voltando-se em direção à lingüística pragmática, ele deu impulsos importantes para o desenvolvimento de um programa e uma metodologia alternativos de pesquisa.

Por outro lado, as abordagens qualitativas que prorrogam sua existência como uma espécie de ciência amadorística, nos nichos mais ou menos espaçosos do estabelecimento científico oficial, jamais conseguiram desenvolver de fato uma superestrutura metateórica consistente, capaz de fundamentar a especificidade de sua contribuição ao conhecimento científico. Contribuição que ultrapasse a simples ilustração e o enriquecimento pontual das análises quantitativas. Este fato torna-se evidente tanto nas monografias de famílias de Le Play (1855) surgidas no último século, como nas pesquisas empíricas originadas em torno da Escola de Chicago, como, por exemplo, as de Thomas (1923, 1926). Ambas são hoje tidas por clássicas sem que as idéias metodológicas a elas subjacentes tenham sido completamente formuladas, ou tivessem recebido um desenvolvimento posterior.

Somente nos debates dos últimos anos esboçam-se tentativas de superação do hiato entre a discussão metateórica e a prática da pesquisa, tentativas de se atingir uma unidade entre esta e a programação teórica. Neste contexto, surgiu uma série de posições incipientes, independentes entre si, e fundamentadas de maneira diversa, que, apesar de todas as

descontinuidades e diferenciações internas, deixam manifesto um comum entendimento da realidade social².

III

Como as "concepções relativas ao método correto estão ligadas às concepções sobre a natureza da sociedade e àquelas que dizem respeito às afirmações possíveis sobre ocorrências sociais" (Wilson 1982, p. 489), é necessário, de início, investigar qual é a concepção da realidade social que subjaz ao paradigma da pesquisa qualitativa. Tal concepção orienta-se, sobretudo, pelas tradições de pensamento fenomenológica (Husserl 1901, Schütz 1932) e simbólico-interacionista (Mead 1934, Blumer 1969). Comum a estas escolas de pensamento é a acentuada importância que atribuem à possibilidade, inerente às ações e às relações sociais, de composição de estruturas significativas de caráter simbólico, considerando, então, o significado dos símbolos, no processo comunicativo, como dependente do contexto que os situa. A realidade social não é, pois, concebida como um mundo externo dado e objetivo, porém como o resultado do desempenho interpretativo dos atores sociais incrustados no processo de comunicação, como uma realidade constituída e construída por atribuições de significado (Berger/Luckmann, 1966) cuja ordem, por princípio, é aberta, processual e negociável. Frente ao indivíduo, a conexão social aparece como "Lebenswelt" (mundo da vida), um conceito de Husserl adotado e desenvolvido por Schütz. Como arquétipo da experiência humana da realidade, o "Lebenswelt" de todos os dias é para ser entendido como uma estrutura espaço-temporal e socialmente aberta de significados, que se origina do agir humano ao mesmo tempo que o marca.

Nestas maneiras diversas de conceber a realidade social, Filstead (1979, p. 34 ss.) enxerga o cerne da contradição entre os paradigmas quantitativo e qualitativo, que ele reconduz à clássica oposição filosófica entre realismo e idealismo. A questão de que aqui se trata é a da relação entre mundo exterior e processo de conhecimento. Ou seja, se a ciência é para ser entendida como conhecimento de um mundo externo, natural, objetivo e independente do sujeito, ou como uma construtiva e reconstrutiva relação, constituída pelo agente social, entre saber e mundo exterior. Esta diferenciação fundamental, entre realidades natural-objetiva e simbólico-sujeito-referente, é rica em conseqüências, também, para os procedimentos epistemológicos. Se o objeto do conhecimento é uma estrutura simbólica

2 Sem pretender incluir todas, sejam citadas, como as mais importantes, as abordagens: etnometodologia, "natural sociology", hermenêutica objetiva, análise do "mundo da vida", "grounded theory", pesquisa participativa, etnografia holística.

dependente do sujeito e da situação, então conclui-se que, também, sua reconstrução como processo interpretativo e comunicativo sucede necessariamente adaptando-se às formas de assimilação da experiência no "mundo da vida," ou seja, recorrendo-se às regras da comunicação cotidiana neste universo. Esta exigência remete a métodos e técnicas de comunicação abertos, não estandarizados, que não limitam o espaço constitutivo dos sujeitos da pesquisa, preservam o contexto situativo, tanto quanto possível, e renunciam a um desmembramento apriorístico e analítico das conexões sociais através de variáveis, modelos e hipóteses. Para o âmbito do levantamento de dados, as técnicas a que acima se refere são tais como análise de conversação, entrevista narrativa, observação participante, entrevista focalizada, simulação, experimento natural, entrevista em grupo, etc.

IV

Enquanto nos Estados Unidos, com sua rica tradição de pesquisa etnográfica de campo, a observação participante desempenha o papel mais importante, no ocidente da Alemanha é a entrevista aberta que está em primeiro plano como instrumento no levantamento de dados. Sobretudo a entrevista narrativa, desenvolvida por Schütze, em 1983, a partir de conceitos da lingüística, conquistou um lugar de destaque. Este método, que já alcançou um certo grau de formalização, parte da premissa de que narrações são um modo básico da experiência e que conduzem, por isto, à proximidade máxima das conexões de fato da ação. Espera-se, desta maneira, obter informações sobre acontecimentos e experiências próprias, sua interpretação e assimilação pelos sujeitos da pesquisa e, finalmente, tomadas de conhecimento nas estruturas de orientação da ação de fato. O decurso da entrevista articula-se em três fases: (1) o impulso gerador da narração, (2) a demanda da narrativa e (3) a execução do balanço comunicativo. Não é possível aqui uma abordagem individual das técnicas de iniciação e manutenção do fluxo narrativo, pois para tanto seria necessário um mais amplo aprofundamento teórico e metodológico.

Problemas graves e de nenhuma forma solucionados deste, como também de outros instrumentos do levantamento qualitativo de dados, se localizam, em particular, no âmbito da validade destes dados. A suposição de que narrações são uma imagem fiel, uma quase não falseada recapitulação de experiências passadas, interpretadas de forma argumentativa pelo sujeito, baseia-se, no todo, em premissas teóricas altamente duvidosas. No decurso da narração, não é uma individualidade não dissimulada que simplesmente se manifesta; pelo contrário, narrações são produto de um trabalho de reorganização, que apresenta necessariamente momentos construtivos que podem conduzir até a ficção. Se o pressuposto, porém, da

concordância estrutural entre narrativa e acontecimentos (tese da homologia) é duvidoso, então impõe-se a questão de quais mecanismos estão à disposição do pesquisador para controlar a qualidade de seus dados. Este problema se apresenta novamente e de forma aguçada na fase da avaliação dos dados, que deverá, a seguir, ser objeto da discussão.

V

Uma vista na literatura mostra que se dedica muito mais atenção às questões da obtenção de dados que às dificuldades metodológicas e práticas da análise, apesar de que justo estas careceriam de forma urgente de uma solução satisfatória. Pois, após o fim do trabalho de campo, está o pesquisador "pós-convencional", o mais das vezes, frente a uma montanha de material escrito, acústico ou visual que necessita ser analisado; e alguns que queiram partir em direção a novas margens, começam, o mais tardar neste ponto, a desejar de volta o chão firme, as regras codificadas da pesquisa social "clássica". Porque não existem instrumentos, técnicas e regras universalmente reconhecidas para a análise hermenêutica de textos, ou seja, para decifrá-los pela reconstrução interpretativa com o fito de compreender a realidade comunicativa dos padrões de experiência e interpretação, o simbolismo de determinados ambientes sociais ou as manifestas e latentes estruturas de sentido de manifestações concretas. Assim, pois, infelizmente, com suficiente frequência, esgota-se a análise no arquivamento museal de fenômenos sociais, na mera paráfrase de representações subjetivas ou se perde no anedótico.

Análises qualitativas são explicitamente estudos de casos. Isto, porém, não significa pouca quantidade de dados; pelo contrário. Frequentemente se critica - e em parte com inteira justiça - que com a difusão de pacotes de programas estatísticos fáceis para o usuário (SPSS, SAS) a produção de análises quantitativas de relevância e qualidade duvidosas cresceu a passos largos. Vice-versa, contudo, pode-se constatar, que a fácil disponibilidade de meios técnicos de registro (fita cassete, vídeo) na pesquisa qualitativa, leva repetidas vezes a conservar, ainda que tão banal, cada ocorrência, e, com isto, acumular montanhas de dados, que de forma alguma podem ser sistematicamente analisados com um gasto de tempo defensável. Abstraindo-se totalmente a utilidade destes dados, o problema se situa na estratégia da análise. Como é conhecido, a análise quantitativa serve-se de procedimentos redutivos (regressões, associações, cluster, fatores, etc.) através dos quais o conteúdo informativo dos dados é reduzido aos aspectos essenciais para o problema da pesquisa. Em contrapartida, a análise qualitativa serve-se de procedimentos explicativos, que levam a uma profusão de informações. Por exemplo, quando de

pequenas seqüências interativas são desenvolvidos volumosos protocolos, que são, então, por seu lado, interpretados³.

Mais graves do que estes problemas mais práticos são, todavia, aqueles metodológicos vinculados à pretensão de entendimento dos significados. Tão graves, que é impossível superestimá-los. Por isto, é bastante surpreendente a facilidade com que estes problemas freqüentemente são reprimidos, por parte precisamente daqueles que censuram a estratégia de pesquisa quantitativa e dirigida aos fatos pela - por eles a ela atribuída - produção de artefatos. Como os procedimentos de manipulação de dados qualitativos permanecem em considerável medida ainda não esclarecidos, resta, por último, apenas o recorrer à competência intuitiva do intérprete, que precisa tentar, em um processo circular, encontrar no material provas e respostas para suas perguntas. Se não se está disposto a simplesmente reprimir o problema da validação, pela instituição lógico-transcendental da intersubjetividade, então coloca-se naturalmente, aqui, a questão dos critérios de fundamentação da validade. Na prática, a validação de proposições obtidas interpretativamente efetua-se - quando se efetua - de forma consensual-dialógica, como uma espécie de "discurso livre de soberania", cujos participantes, ou são os próprios sujeitos da pesquisa, ou a "comunidade acadêmica" dos intérpretes. No primeiro caso, a validação comunicativa é conduzida pelo pesquisador, em conjunto com o sujeito da pesquisa, na forma de uma reinterpretação dos esboços interpretativos, elaborados pelo pesquisador, com o objetivo de se alcançar um acordo relativamente ao significado das proposições. Este procedimento constitui seguramente uma forma de controle plena de sentido; seu alcance, contudo, é o da transparência do pesquisado para si mesmo, ou seja, tudo o que não lhe é consciente e acessível permanece fora de consideração.

No segundo caso, o trabalho sobre o material tem lugar no círculo dos hermeneutas, sem participação dos sujeitos pesquisados. Este procedimento é aplicado, por exemplo, na "hermenêutica objetiva", tal como desenvolvida por Oevermann (1979). O objetivo é explicar o maior número possível de possibilidades de significado (explicação extensiva) sobre as quais se decidirá em um processo discursivo. Os limites do indivíduo devem ser compensados pelo intercâmbio de argumentos no processo de discussão. Processo que teoricamente é sem fim e cuja interrupção só pode ser fundamentada pragmaticamente. Todavia não há, também aqui, um critério inequívoco e conclusivo da validade. Entre este procedimento e o modelo falsificacionista da aproximação da verdade de Popper - para o qual a crítica

3 Por isso, na análise de material escrito volumoso, cedo ou tarde, também na pesquisa qualitativa, será inevitável o emprego de computadores. As primeiras propostas para tal já foram apresentadas.

no interior da comunidade científica é, também, um meio importante do conhecimento - há semelhanças evidentes e intencionais.

No modelo de validação consensual, os critérios de validade para as interpretações são de novo interpretações e processos de produção comunicativa. Não há um critério exterior de verdade, um ponto crítico fora do círculo hermenêutico, e não pode havê-lo, mesmo para os representantes radicais da pretensão de validade universal da hermenêutica (Gadamer, 1960).

Não é possível, nos limites deste trabalho, aprofundar estas questões que, em última análise, conduzem necessariamente a problemas da teoria da verdade e, com isto, à especificidade da pretensão de conhecimento da ciência. Tratava-se, apenas, de mostrar que uma discussão sobre abordagens qualitativas e quantitativas que se fixa na questão da estandarização das técnicas e instrumentos, sem refletir adequadamente sobre as graves implicações epistemológicas e metodológicas, intenta demasiado pouco e permanece superficial. Ao mesmo tempo, estas indicações são para serem entendidas como um discurso de defesa para um menos agitado ativismo de projetos e por mais reflexão, pois sem conhecimento das premissas e estruturas das interpretações elas ocorrem, no fim das contas, apenas com base em rotina cotidiana e critérios de plausibilidade.

VI

Por mais difícil que seja a reconstrução de estruturas subjetivas de interpretação e símbolos, no questionamento teórico-social ela é apenas um problema parcial, pois no "mundo da vida" as formas de assimilação da realidade não se deixam, de maneira alguma, explicar apenas pelas realizações formativas dos indivíduos. Suas manifestações subjetivas (ações, interpretações) encontram, pelo contrário, seu fundamento em interpretações institucionalizadas e ancoradas no coletivo, que, ultrapassando o caso particular, remetem a estruturas e regularidades sociais. O contexto social não é apenas um mero horizonte de sociabilidade do "mundo da vida", mas uma realidade *sui generis*, um "fato social" (Durkheim, 1895), que de forma alguma é absorvido pelo consciente dos agentes e que, por isto, não se deixa reconstruir inteiramente a partir de suas concepções da realidade. Não é este o lugar para retomar as velhas e sempre novamente atuais questões da teoria social que com isto vêm à tona. Questões referentes à relação entre "mundo da vida" e sistema, entre consciência e existência, entre ação e estrutura. Para nossos objetivos basta reter o que Giddens (1976) denomina "dualidade da estrutura social", a saber, o fato de que estruturas sociais através de ações situativas se

tornam algo real, objetivamente constituído e são simultaneamente, também, o fundamento desta constituição.

Quais conseqüências metodológicas e práticas resultam disso no tocante à relação entre pesquisas qualitativas e quantitativas? Antes de tudo, a que diz respeito à idéia muito difundida de que se trata aqui de paradigmas de pesquisa que são, segundo o questionamento e a base de dados, fundamentalmente diversos (Schwartz/Jacobs, 1979). Assim colocada, esta concepção não é, seguramente, sustentável. Algumas realidades determinadas, referentes ao sujeito, são perfeitamente bem reconstruíveis, também, no interior do modelo dedutivo-nomológico de empiria, com seu direcionamento aos fatos e seus três passos: formação de conceitos, medição e operacionalização (testes, técnicas de escalas). Por outro lado, coloca-se necessariamente, também para a pesquisa social qualitativa, a questão do caráter normatizado, regulado e coletivo das - por ela viabilizadas - interpretações e formas de percepção e vivência do "mundo da vida", bem como a relação delas com os dados sócio-estruturais. A não ser, naturalmente, que ela pretenda de antemão se limitar à exploração e arquivamento de casos sociais únicos.

Estas considerações trazem como conseqüência uma "interdependência dos métodos" (Wilson 1982, p. 501). Pois, se as abordagens qualitativa e quantitativa iluminam aspectos diferentes da realidade e fornecem informações diversas, elas referem-se, contudo, dialeticamente uma à outra. "A interpretação de dados quantitativos vive do qualitativo entender das manifestações sociais a cada vez examinadas, e a interpretação de dados qualitativos, do conhecimento de estruturas providas de regras, onde se enquadram as ocorrências individuais examinadas" (ib.). Tais estruturas só podem, de uma forma ou de outra, ser reconhecidas e comprovadas através da comparação de frequências. Isto, todavia, implica em quantificação.

Daí conclui-se que as tentativas, seja na pesquisa, ou no ensino, de fazer valer as pretensões de supremacia de uma ou outra abordagem não são justificadas pela teoria do conhecimento, nem dotadas de sentido empiricamente. Minha tese final é que, no futuro, apesar de todas as divergências epistemológicas, ocorrerá, na prática da pesquisa, uma crescente integração das maneiras de procedimento hermenêutico-interpretativa e quantitativa-classificatória. O esboço metódico de uma análise de conteúdo hermenêutico-classificatória, apresentado por von Mathes (1988), indica já nesta direção.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. et al.. *La disputa del positivismo em la sociologia alemana*. Barcelona, 1973.
- BERGER, Peter/Luckman Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, 1978.
- BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism. Perspective and Method*. Berkeley, 1969.
- BORGES, Bento Itamar. Teoria Crítica e Pesquisa Empírica. In: *Educação e Filosofia*. V. 1(1), 1986. p. 59-66.
- BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris, 1980.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introducción a las ciencias del espíritu. En la que se trata de fundamentar el estudio de la sociedad y de la historia*. México, 1978.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo, 1973.
- FILSTEAD, William J.. Qualitative Methods - Needed Perspective in Evaluation Research. In: Th. D.Cook/C.S. Reichardt, Eds. *Qualitative and Quantitative Methods in Evaluation Research*. Beverly Hills/London, 1979.
- GADAMER, Hans-Georg. *Wahrheit und Methode*. Grundzüge einer Philosophischen Hermeneutik. Tübingen, 1960.
- GIDDENS, Anthony. *Novas regras do método sociológico: uma crítica positivista das sociologias compreensivas*. Rio de Janeiro, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. *Zur Logik der Sozialwissenschaften*. Frankfurt, 1970.
- HOME, Kenneth R.. *Against the Quantitative-Qualitative incompatibility Thesis or Dogmas Die Hard*. "Educational Researcher" 17 (Nov. 1988), p. 10-16
- HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen*. Tübingen, 1968 (1901).
- KUHN, Thomas S.. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, 1962.

- Le PLAY, Frédéric. *Les ouvriers européen - Études sur les traveaux, la vie domestique et la condition morale des populations ouvrières de l'Europe*. Paris, 1855.
- MATHES, Rainer. "Quantitative" Analyse "qualitativ" erhobener Daten? Die hermeneutisch-Klassifikatorische Inhaltsanalyse von Leitfadengesprächen. In: "ZUMA-Nachrichten" 23 (1988), p. 60-75.
- MEAD, George H.. *Mind, Self and Society*. Chicago, 111. 1934.
- OEVERMANN, Ulrich et al.. Die Methodologie der "Objektiven Hermeneutik" und ihre allgemeine forschungslogische Bedeutung in den Sozialwissenschaften. In: H.G. Soeffner, Hg.. *Interpretative Verfahren in den Sozial - und Textwissenschaften*. Stuttgart, 1979.
- REICHARDT, Charles S./Cook Thomas D.. *Beyond Qualitative versus Quantitative Methods*. In: Reichardt C.S/Cook Th.D., Eds. a.a.O.
- SCHÜTZ, Alfred. *Der sinnhafte Aufbau der sozialen welt*. Wien, 1932.
- SCHUTZE, Fritz. Biographieforschung und narratives Interview. In: "Neue Praxis". 13 (1983), p. 283-393.
- SCHWARTA, Howard/Jacobs Jerry. *Qualitative Sociology*. New York, 1979.
- THOMAS, William I.. *The Unadjusted Girl*. Boston, 1923.
- THOMAS, William I./Znaniacki Florian. *The Polish Peasant in Europe and America*. New York, 1926.
- WEBER, Max.. *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, 2. Aufl., Tübingen, 1951.
- WILSON, Thomas P.. Qualitative "oder" quantitative Methoden in der Sozialforschung. In: "Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie" 34 (1982), p. 469-486.